



AZUL

ANNO I.º

Pela Arte

TOMO 2.º

Director: Thiago Peixoto.

Curtyba, 4 de Outubro de 1900

Ultimo sorriso

Andava assim, envolta no seu pobre manto desbotado, os pés descalços, vagando atôa pelos caminhos tristes das aldeias, tocando o pandeiro de bohemia, com que ganhava a vida.

N'essas noites de inverno brava, quando a tormenta desanda e redemoinha no ar, e segue como um louco sem lar e sem destino, n'uma gargalhada afflicta e prolongada, n'um choro maldicto de blasphemias horriveis; nessas noites em que altas galéras naufragam no mar negro e convulso, ella, pallida e assombrada, com as carnes cortadas fortemente pelo gelo, ia poisar sob as arvores do parque, que o vendaval desgrenhava, que o vendaval retorcia, n'uma furia indomita, n'um pagode epyleptico e infernal.

E ficava muda, inerte e fria, como uma estatua de neve, olhando com pavôr o rapido relampejar que punha sarças de fogo no céu e listrava-o da purpura do inferno.

E gelava-se-lhe o coração, com medo, Jesus! que a madrugada

nunca mais viesse cascatear ondas de crystal e oiro e espumas cor de rosa e prata, que nunca mais viesse banhar d'uma frescura de mocidade, todo o espaço alem e baixar, n'um beijo de luz, sobre a Terra.

Estava agora alli vencida de fadiga immensa, repousando á sombra d'uma palmeira verde e leve, toda festiva de primavera gazil.

E tinha um assombro da vida — alma rustica e bella, — sentindo apagada no seu coração a alegria que andava entanto cantando debaixo dos céos, na flor da esperança, dentro de outros corações engrinaldados de brancas chimeras.

E via-se morrer, tysica, amortalhada na alvorada da existencia.

E volveu n'uma amargura infinita os magoados olhos negros, para os céos radiantes e abertos na sua pureza excelsa de oiro sagrado.

E os olhos quasi extinctos de luz, doirados ás vezes pelo fogo

Dario Alvaro - Silva Jardim

divino d'uma illusão, eram já como brancas tochas d'um tremulo clarão indecizo, velando, entre flores mortas, o marmore de um sepulchro.

Aquelle céu azul, todo claro de sol, na sua gloria de luz, com que saudade immortal fazia vibrar-lhe na alma — como um clarim n'uma alvorada — a recordação do céu da terra em que nascera.

Ah! fóra n'esse Oriente longiquo, phantastico como um sonho, que ella passara os dias mais rutillos de sua mocidade; fóra debaixo desse azul fino de rutilancia, que amára, Senhor! O' doce céu da Palestina! Ficava agora tão longe essa terra tranquillã onde florescem paisagens biblicas e onde a viração espalha entre os crysanthemos e as virgens, as lendas dos idyllios pagãos e das noivas que viveram nos palacios doirados a beira-mar

E pela imaginação brilhante da tísica creança, passavam como a través da nevrose d'um sonho, todas as recordações de sua mocidade quasi extincta pela morte, monja senil que atirara sobre os seus dias o resfrade manto que trouxera.

Aquelle christão, tão cavalheiresco emoco, todo loiro como um novo sól, que um dia fizera deixar a tranquillã tenda judaica dos seus paes e levava-a para longes terras ignotas, esse abandonara-a brutalmente, por uma noite de luar calcinado, trocando rozas vermelhas, com outras enamoradas.

E ella ficara sò no mundo, tísica, perdida, repellida pelos homens, sem uma triste mansarda para suavisar-lhe os dias derradeiros que

galopavam no corcel da morte, n'um delirio macabro.

E ficara sem um real para comprar um trapo que cobrisse-lhe as carnes miseraveis.

Mas de subito um rumor alegre, no meio do caminho, despertou-a dessa sandade.

Um bando, jovial e loiro de creanças approximou-se da bohemia.

Queria vel-a dansar ao som do pandeiro.

E as creanças, n'uma alegria de alvorada, deram-lhe moedas de cobre.

Ah! fora como um doce brinde do céu, que ella vira cahirem-lhe nas mãos nevadas aquellas moedas todas.

N'aquelle dia teria dinheiro para comprar um pão.

E bailou doidamente, cantou canções jocosas, d'uma hilaridade infinita.

Depois quando o alado bando primaveril desapareceu a rir por entre a esmeralda das arvores, ella que cantando sentia o coração de joelhos a soluçar, chorou convulsamente.

Uma manhan, depois d'uma noite tormentosa, em que as creanças mettidas entre cobertas macias e quentes, choravam ouvindo o rouco uivar desesperado da ventania feroz que chicoteava as arvores, repellia o luar e apagava as finas estrellas de prata; uma manhan foram achal-a hirta, com um gelado sorriso nos labios, debaixo d'uma palmeira isolada, de cujas largas folhas viçosas, douradas pelas pri-

meiras florações do dia, cahiam ainda grossos pingos algidos de chuva.

Ao lado jazia o pandeiro com que ella fôra-se arrastando já na agonia, com que esforço supremo e divino! pelas estradas da aldeia a bailar, para ganhar o pão.

Os homens que encontraram-n'a assim, morta e resfriada, sobre o campo deserto e humido, commentavam a vida feliz d'essa bohemia que vendo os seus dias approximarem-se velozes, como nuvens tocada por fortissimas rajadas, fora a cantar e bailar na peregrinação da morte.

Morta, não tinha quem a pranteasse.

O' muito feliz essa bohemia, diziam.

Só aquelles labios brancos e gelados, de onde cutr'ora sahia a tosse cavernosa como uma queixa murmurada contra o mundo ou como

uma marcha funebre de todos os sonhos; só aquelles labios petreficados e mudos pela frieza eterna, pareciam sorrir lividamente, com laivos fortes de sarcasmo, emquanto em derredor comentavam a felicidade descuidosa de ter ella cahido nos braços da cova a sorrir e a bailar, como uma camponeza feliz, coroada de açucenas que fosse para os braços do noivo.

Só aquelles labios contrahidos n'um sorriso sobrehumano, symbolo de piedade e de ironia, como se debaixo d'elles a alma ainda vibrasse de finas emoções, só aquelles labios funebres pareciam sarcastizar tristemente os que invejaram a rutila felicidade dos seus dias derradeiros, a felicidade extranha de ter ido vibrando o pandeiro e a cantar alegremente pelo caminho frio e aterrador da morte.

1897

Santa Ritta Junior.

CHUVA E SOL

A Verçosa Pitanga.

Chove e o trovão que ás vezes pelo espaço
Ribomba n'uma furia exasperada,
Traz-me a lembrança o tetrico fracasso
De uma casa a cahir, desmoronada . . .

Como entendia o lugubre compasso
Da agua a bater nas pedras da calçada!
Cada vez chove mais!.. Quanto embaraço
Causa esta chuva desapiedada . . .

Elza me espera e a hora se aproxima.
Tenho de ir vel-a e emtanto não me anima
A sahir este grande temporal . . .

O que fazer?... Faltar?... Oh! não! que importa
Esta chuva cruel que a alma recorta
Se Ella é o meu Sol, a minha luz astral?..

Adolpho Werneck.

Metempsychose



Mariposa de luz, doudi-
vanas, imponderavel, era essa
alminha inconstante que voe-
java agora, azas ruidosas,
em torno da minha existen-
cia, como um sorriso ironi-
co da natureza.

Estrella argentina, man-
cha alvissima de luz a irra-
diar n'um céu de luto, céu
de agonias e mortes, como
que se ia agora pelo meu
cerebro de allucinado, ava-
lanche negra do mysterio.

Semen do meo ser, jogado
ao pó de existencias mortas,
ella viera,—flor de luz, ao
crepusculo de Vesper, bater
ás persianas funebres do meu
lobrego tugurio de pensador
austero, solitario alcaçar que
levantei no deserto, onde
demorava longe da curiosi-
dade importuna e profana
dos homens.—Fatalidade !
Eram apenas vinte e dous
annos.

As rosas orvalhadas da

primavera já haviam mur-
chado de vez, o sol bemdic-
to da Illusão morria na fim-
bria escarlarte do poente.

Ah! porem ella viera,
simples e jôvial, na alleluia
festiva de um lyrio immacu-
lado, ás automnaes do Affec-
to.

E como não amal-o ; não
ligar á mim esse atomo im-
perceptivel de uma existen-
cia, atomo do infinito, es-
sencia de minh'alma, peda-
ço de minh'alma.

Ao partir para outra vi-
da superior, evolução grada-
tiva do aperfeiçoamento, le-
vo apenas a vaga nostalgia
desse sonho que fica a florir,
sempre e sempre, na immu-
tabilidade das cousas eter-
nas.

Ella, a estrella argentina,
mancha alvissima de luz a
irradiar n'um céu de luto,
céo de agonias e mortes.

Nicolau dos Santos.



Insomnia

A Adolpho Werneck

É não posso dormir. Por mais que eu queira
As palpebras não cerram-se. E' exquísito !
Entretanto estou morto de canseira.
E não durmo. Do quarto em que eu habito

* * *

Abro a janella. A luminosa esteira
Da Lua, que pelo grande infinito
Erra, é como o rastro da vida inteira
Da Mulher que me fez Poeta e maldicto.

* * *

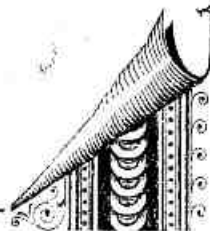
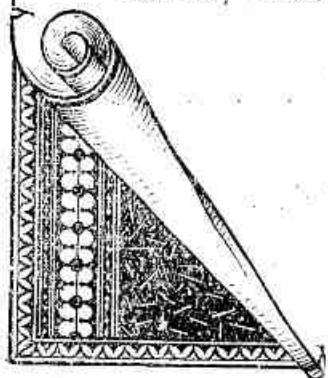
Fecho a janella. Soffro ! Tenho sede.
O meu olhar projecta na parede
Phantasticas visões. Que noite tragica !...

Alma da Terra—Sol!— enfim resplendes !
Novas scenas no meo olhar accendes !

O Mundo é mesmo uma Lanterna Magica !

Paraná, 1900.

Leite Junior.



UNICA

No flammante jardim dos Sonhos emotivos
Tantos lyrios beije, tantas flores sidereas,
Vagas como o luar de outonos primitivos.
Opalicas visões somnambulas e ethereas . . .

Dessas flores de luz uma somente existe
Que em tudo me acompanha e me escuta e me sente,
Que chora a minha dor se acaso me vê triste
E que sorri feliz quando me vê contente.

Flor santa, flor divina, alva, cheia de graça,
Dama o flor, flor e luz - por quem sinto vibrar
Um doce encantamento entre a dor que perpassa
Toda est'Alma a tremer na agitação d'um mar!

Por Ella treme a aurora em sandalo embebida
E o vento passa a rir, em aneias e em harpejos;
Treme o meu Ideal como ave mal ferida
E doira-se de sóes o Azul dos meus Desejos . . .

No mystico fulgor do seu olhar em chammas
—Olhar que enluta o sol e ao mesmo sol colora—
Da Alegria descubro as rutilantes flammas
E o rubante fulgor da primitiva aurora!

Desse Azul onde reina um mysterio de sombra
Indago em tom de paz e em alarma de guerra,
E não descubro a Côr que à anima e que me assombra
E não descubro a luz que o seu olhar encerra!

Não quer que o meu Luar roreje um brilho triste
E segue a relutar contra a Negra Corrente . . .
Quando a Noite Feral surge de lança em riste,
Seu olhar, como um sol, enrubece o Poente!

.
Ao rutilo clarão que o seu olhar scintilla,
A rir, hei de subir a ribanceira calma
Da existência de luz, nessa aurora tranquilla,
De noivado e de amor que se estrella em minh'Alma!

Generosa Borges.

As Rosas

O meu jardineiro era um homem de feio aspecto, todo coberto de pellos eriçados, vermelhaço de pelle e de olhar desconfiado e sombrio.

Toda a gente me dizia :

— Olha que aquelle sujeito compromette a tua casa ! põe-n'o fóra !...

Mas, como elle era calado, mettido comsigo, e porque principalmente tratava muito bem das minhas flores, eu levantava os hombros :

— Não era tanto assim ! O pobre homem ! Aquelles modos de animal bravio, não os tinha de certo por culpa sua !

E assim iamós vivendo. Uma tarde, em Setembro, desci ao jardim. Que crepusculo aquelle ! No céu, esgarçado de nuvens, a lua, em foice, brilhava já, e com tamanha doçura, que dava vontade á gente de não fazer outra cousa senão olhar para ella ! Havia tambem no ar, transparente e calmo, tal delicadeza de colorido, que a minha alma ficaria nella extatica, se os olhos, percorrendo tudo, não vissem logo a infinidade de rosas, que as minhas roseiras promettiam.

— Quantos botões, Mãe do céu !

— Tudo isto abre esta noite — resmungou com voz soturna o

jardineiro . . . — Amanhã haverá centenas de rosas no jardim !

A minha fantasia desencadeiou-se. Centenas de rosas frescas, todas abertas, deveriam dar uma graça nova áquelle recanto, pouco acostumado a semelhante farrura de flores.

Eu mesma queria colher-as ainda frescas de orvalho : mandaria um ramalhete a minha mãe, cobriria de rosas a sepultura de minha filha, encheria de rosas a minha casa . . .

E, usando de uma forma imperativa e severa, pouco commum em mim, disse ao medonho e hirsuto jardineiro que não tocas-se nenhuma flor ! Seria eu quem as colhesse todas !

Elle curvou-se, em obediencia.

*
* *

Nessa noite, fui cedo para a cama, preparando-me para ma-
drugar no dia seguinte. E tal era o meu proposito, que peguei logo um somno doce e tranquillo.

Eram seis horas e já eu estava no jardim. Como quem desperta de um sonho, apatetada, olhei á roda e só vi folhas . . . folhas e mais folhas verdes ! nem uma flor.

Gritei pelo jardineiro, e elle veio, como por encanto, num momento, mas com tal geito e

tão demudadas feições que tive medo.

Os olhos, de vermelhos, eram só sangue, a barba aspra, longa e ruiva, estava revolvida como por um vento de loucura, e nos grossos braços tismados tinha signaes fundos de unhas . . .

—As minhas rosas?! — perguntei-lhe, disfarçando o pavor que a sua figura estranha me infundia.

—Estão aqui! — disse elle, com voz grossa, como um baixo de organ de cathedral; e caminhou para o quarto.

Fui atraz d'elle, espantadissima, mal segurando a saia do vestido, que se não molhasse na relva. — cheia de raiva e curiosa ao mesmo tempo.

* *

O quarto do jardineiro era ao fundo, entre a horta e o jardim, ao pé de dous limoeiros da Persia, de gostoso cheiro. Ensombrando a porta, havia uma latada de maracujás, e, á esquina, encostados á parede, estavam os utensilios de jardinagem.

—Que quererá elle? — perguntava a mim mesma. De repente, estaquei:

—Não entro — respondi, a um gesto que me fazia.

—Então olhe d'ahi! — replicou o homem bruscamente, escancarando a porta.

Encostei-me ao batente para não cahir. No meio do quarto,

sob uma avalanche de rosas perfumadissimas, entrevi o corpo de uma mulher.

—Era minha filha, — disse o jardineiro, entre soluços que mais se assemelhavam a uivos que a dor humana; — um dia abandonou-me, correu por esse mundo... Esta noute, veio bater ao portão, muito chorosa... que o amante lhe batera... Ouvio bem, senhora?! Quiz fazel-a jurar que desprezaria agora esse bandido, para viver só no meu carinho... só no meu carinho!... Eu havia de tratá-la com todo o mimo, como se fôra uma criancinha... Fiz-lhe mil promessas, de joelhos, com lagrimas... Sabe o que me respondeu, a tudo? Que amava ainda o outro.

Cego de raiva, matei-a, ah! matei-a e não me arrependo... Antes morta por um paé honrado do que batida por um cão qualquer... depois de morta... achei-a linda, linda! mas, coitadinha! vinha miseravel, quazi nua... tive pena, e, para fazel-a apparecer bem a Nossa Senhora, vesti-a de rosas!...

Julia Lopes de Almeida.

Expediente.

O AZUL será publicado quinzenalmente.

ASSIGNATURA:

2 mil rs. por trimestre.

REDAÇÃO:

Praça da Republica N.º 4.

Typ. „Der Beobachter“ — CURITYBA,
Travessa da Proclamação N.º 5.